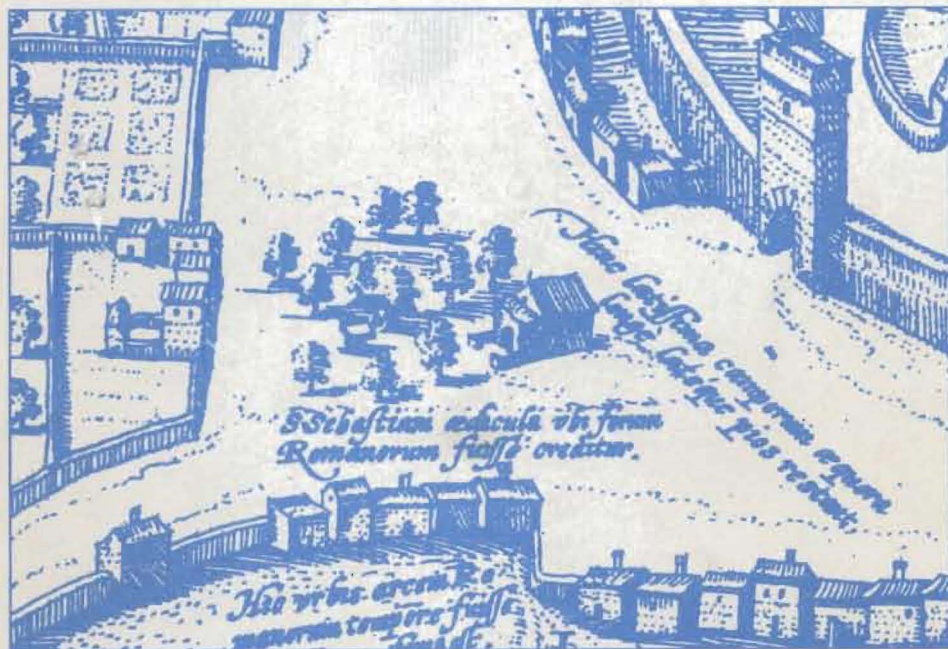


BVA

BRACARA AUGUSTA



ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA URBANA

BRAGA · 1994

REVISTA CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

VOL. XLV

N.º 97 (110)

ANO DE 1994

Índice

Editorial	3
Nota de Abertura	5
Legislação	
— Aspectos de Legislação em Portugal e na Europa	
<i>Fernando C. de Sousa Real</i>	9
— Gabinete de Arqueologia da CMB: relato de uma experiência	
<i>Nuno Alpoim</i>	15
— Legislação versus protecção do Património	
<i>Isabel Costeira</i>	19
Financiamento	
— Recuperar a memória das cidades: o financiamento da arqueologia urbana	
<i>Francisco de Sande Lemos</i>	29
— Reflexões sobre a actividade arqueológica nos anos 90, em zonas de expansão urbana no Norte do País	
<i>Lino Augusto</i>	37
— Arqueologia urbana em Portugal	
<i>António Carlos Silva</i>	43
Investigação em Meio Urbano	
— Arqueologia nas cidades	
<i>Jorge Alarcão</i>	59
— Memórias do salvamento de Bracara Augusta	
<i>Henrique Barreto Nunes</i>	63
— Dezasseis anos de arqueologia em Braga	
<i>Manuela Martins, Manuela Delgado, F. Sande Lemos e Jorge Alarcão</i>	71
— Intervenção arqueológica municipal no Porto	
<i>Maria Isabel N. Pinto Osório e António Manuel S. P. Silva</i>	87
— Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Vila Nova de Gaia	
<i>Joaquim Gonçalves Guimarães</i>	103
— Arqueologia Urbana em Santarém	
<i>Catarina Viegas</i>	127
— Arqueologia Urbana de Lisboa	
<i>Clementino Amaro</i>	139
— Cascais: um projecto de investigação em Arqueologia Urbana	
<i>João Cabral, Guilherme Cardoso e José D'Encarnação</i>	151
— Arqueologia Urbana na Amadora	
<i>Jorge Augusto Miranda</i>	161
— A Arqueologia Industrial	
<i>José Manuel Lopes Cordeiro</i>	169
— Breve nota do criptopórtico de Olisipo e da possível localização do «forum corporativo»	
<i>José Cardim Ribeiro</i>	191

— Rua da Judiaria (Almada)	<i>Luís de Barros, Paulo Espírito Santo e Luís Pequito Antunes</i>	201
— O Castelo de Alcácer do Sal	<i>António Cavaleiro Paixão, João Carlos Faria e António Rafael Carvalho</i>	215
— Conservação, salvaguarda e valorização dos sítios arqueológicos em meio urbano	<i>Filomena Barata</i>	265
— Profissões em S. Romão do Sado entre 1665 e 1697	<i>Maria Cristina Neto</i>	277
Musealização		
— Preservação e valorização de ruínas arqueológicas em meio urbano	<i>Adília Moutinho Alarcão</i>	281
— Musealização do Forum de Sellium	<i>Maria La Salete da Ponte</i>	285
— Adro do Castelo de Soure. Arqueologia e Arquitectura	<i>Artur Côrte-Real e José António Bandeirinha</i>	299
— O Museu Regional de Arqueologia de D. Diogo de Sousa e a preservação e valo- rização das ruínas arqueológicas em Braga	<i>Isabel Silva, Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro</i>	313
— O Pátio da Inquisição (Coimbra)	<i>Helena Frade e José Carlos Caetano</i> ...	319
— Proposta de intervenção no Pátio da Inquisição (Coimbra)	<i>Cristina Osório</i>	345
— Preservação e musealização de monumen- tos megalíticos: sua coexistência em área industriais	<i>Eduardo Jorge Lopes da Silva</i>	349
Conclusões	359

Dezasseis anos de arqueologia urbana em Braga:

Problemática da reconstituição de uma cidade romana

* MANUELA MARTINS
** MANUELA DELGADO
** F. SANDE LEMOS
*** JORGE ALARCÃO

1. INTRODUÇÃO

Abandonada e posteriormente sacrificada na sua parte nordeste pela cidade medieval, *Bracara Augusta* levou cerca de seis séculos para ser redescoberta, pois só no século XVI a memória das suas ruínas, sepultadas sob as quintas e quintais que envolviam o pequeno burgo medieval, começou a despontar nos escritos dos humanistas bracarenses. Desde então, e até ao século XX, acumularam-se vestígios, encontrados esporadicamente, mas as ruínas mantiveram-se intactas.

Só nos anos 50 e 60, *Bracara Augusta* ficou verdadeiramente ameaçada pelo desenvolvimento da cidade moderna, pois os novos planos de urbanização, com abertura de ruas e construções, incidiram sobre a zona sul da cidade onde ainda jaziam, praticamente intactos, dois terços da cidade romana. Sob as pás dos "bulldozers", *Bracara Augusta* começou a surgir à luz do dia. Datam dos anos 60 as primeiras intervenções arqueológicas em Braga, realizadas na sequência de obras de remodelação, ou de urbanização¹. Elas permitiram localizar sepulturas e identificar construções².

* Professora da Universidade do Minho.

** Investigador da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

*** Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

¹ Os seus resultados foram sumariamente divulgados (SOUSA 1966a, 165-178; 1966b, 589-599; SOUSA E PONTE 1970, 389-411; OLIVEIRA 1979, 164-197).

² Entre elas merecem destaque o peristilo da *domus* de Santiago, localizada no claustro do Seminário do mesmo nome, escavado pelo Cónego Luciano dos Santos e a chamada Casa do Poço, escavada por J.J. Rigaud de Sousa, em Maximinos (1966a, 165-178; 1966b, 589-599).

No entanto, só em 1976, com a criação do Campo Arqueológico de Braga e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, foi possível dar início a um programa de escavações e salvamentos sistemáticos, que permitiriam dar a conhecer, mais profundamente, as características do urbanismo e arquitectura de *Bracara Augusta*, sugerindo um conjunto de hipóteses interpretativas, algumas das quais já divulgadas (MARTINS E DELGADO 1989/90a, 11-40; MARTINS *et alii* 1994, 303-316), cujo balanço nos propomos realizar nesta breve exposição.

Longo e difícil foi o percurso de um projecto, cujo título inicial de "Salvamento de *Bracara Augusta*", indicava os contornos particulares em que era possível conceber o estudo de uma cidade romana, sepultada, na sua maior extensão, sob terrenos com potencialidade construtiva e sob parte do Centro Histórico de Braga. Esses contornos, eram quase inevitavelmente uma condenação: *Bracara Augusta* só podia ser descoberta e estudada através de um acompanhamento sistemático de obras, sendo as suas ruínas sacrificadas, ou conservadas consoante os resultados das próprias intervenções. Trabalho gigantesco, porque o crescimento urbano não deu descanso às ruínas enterradas, implicando um número sempre crescente de intervenções (MARTINS *et alii* 1993). Trabalho, também, ingrato, muitas vezes pouco compensador, pois o carácter parcelar de muitas dessas intervenções, dificultando a interpretação das estruturas, traduziu-se em resultados científicos limitados, em termos do cômputo global para o estudo da evolução da cidade romana.

Os progressos no conhecimento da topografia, estrutura e arquitectura de *Bracara Augusta* foram lentos, porque morosas são, inevitavelmente, as intervenções arqueológicas em meio urbano, onde a sedimentação histórica se representa por um verdadeiro palimpsesto de ruínas de diferentes períodos, que nenhuma avidez construtiva justifica sacrificar.

Por isso, só nos últimos anos a articulação dos resultados de várias intervenções começou a traduzir-se de uma forma mais expressiva em hipóteses interpretativas sobre a malha urbana da cidade, as suas fases construtivas e a sua arquitectura.

Podemos considerar que o projecto de Arqueologia Urbana, iniciado em Braga, em 1976, só agora começa, verdadeiramente, a dar os seus frutos: graças a uma acumulação de dados, mas, também, porque abrandou um pouco a pressão das emergências que durante longo tempo se fez sentir sobre a equipa responsável por este projecto. É justo, pois, destacar as vantagens resultantes da criação, em 1991, de um Gabinete de Arqueologia na Câmara Municipal de Braga, que tem a seu cargo o acompanhamento de obras de remodelação no Centro Histórico e outras situações de emergência.

2. BREVE BALANÇO DE UM PROJECTO

Entre 1976 e o presente ano de 1994 foram realizadas dezenas de intervenções arqueológicas no perímetro urbano de Braga (MARTINS *et alii* 1993). A amplitude e resultados dessas intervenções são naturalmente variáveis, tendo em conta que umas se traduziram em simples acompanhamentos de obras, outras consistiram em emergências, em que parte das ruínas e vestígios foram sacrificados, outras, em salvamentos e, outras ainda, em escavações programadas, com um maior impacto científico.

Invariavelmente, o acompanhamento de obras apenas permitiu cartografar vestígios, recolher algum espólio e avaliar, sumariamente, o tipo de construções que se distribuem pela cidade. Este tipo de intervenções foi mais frequente na primeira fase do projecto, ainda nos anos 70, quando a abertura de grandes valas para ampliação das redes de saneamento, electricidade e telefones, rasgou os terrenos arqueológicos da zona sul da cidade, por vezes em grandes extensões, permitindo uma radiografia da distribuição dos vestígios e construções.

As situações de emergência, resultantes de projectos de construção aprovados, não acautelados por intervenções prévias, possuem, mau grado as limitações que acarretam, um maior alcance científico. Entre as intervenções de emergência de maior significado contam-se as realizadas em áreas de necrópoles, designadamente, na de Maximinos (núcleo da R. do Caires), Rodovia e necrópole da Via XVII (núcleo da Cangosta da Palha) (MARTINS E DELGADO 1989/90b, 41-186).

Mais numerosos foram os salvamentos, decorrentes, quer de solicitações da Câmara Municipal, quer do ex-IPPC, novo IPPAR, quer ainda da própria Universidade do Minho. As intervenções assumiram, neste caso, um carácter preventivo de registo e avaliação de vestígios para posterior construção. Incluem-se neste grupo a maior parte das escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia, designadamente, nas Carvalheiras (DELGADO *et alii* 1984, 95-106; DELGADO E LEMOS 1985, 159-176; 1986, 151-167), no Cardoso da Saudade (DELGADO *et alii* 1984, 95-106) — estas últimas posteriormente completadas pelos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, em 1990 — no quarteirão da R. Gualdim Pais (DELGADO 1987, 187-199), no Largo do Paço (LEMOS *et alii* 1988, 69-78), nas Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria (DELGADO E GASPAR 1986, 151-167; DELGADO E MARTINS 1988, 79-93) e, mais recentemente, no Antigo Albergue Distrital (1992)³, nos Granjinhos (1993) e na Quinta do Fujacal⁴.

³ Resultados ainda inéditos.

⁴ Intervenções ainda em curso, iniciadas em 1993, retomando antigos trabalhos realizados em 1982 (DELGADO *et alii* 1984, 95-106).

As intervenções programadas viriam a tornar-se escassas, em virtude da grandeza dos próprios salvamentos e, não raro, quando aconteceram, acabaram por resultar de prévios salvamentos, que pondo a descoberto importantes núcleos de ruínas, justificaram a sua classificação, reservando-os para posteriores trabalhos. Estão neste caso as intervenções nas termas públicas do Alto da Cividade, cujas escavações interrompidas, em 1980, foram retomadas, em 1989-90 e nas Carvalheiras. Escavações programadas foram, também, as realizadas na R. da Nossa Senhora do Leite, nas traseiras da Sé Catedral (DELGADO *et alii* 1984, 95-106; GASPAS 1985, 51-125) e na Quinta do Fajal, com vista à detecção de evidências da muralha romana (DELGADO *et alii* 1984, 95-106).

Procuraremos de seguida sumariar os resultados mais importantes das intervenções realizadas pela U.A.U.M., nos dezasseis anos de vida do projecto de Salvamento e estudo de *Bracara Augusta*.

3. BALANÇO DOS RESULTADOS CIENTÍFICOS

3.1. A estrutura urbana de *Bracara Augusta* e sua evolução

O conjunto das escavações realizadas até ao momento testemunha que *Bracara Augusta* possuiu um plano ortogonal, com orientação NO/SE, plano esse identificado a partir de muros, ruas e rede de saneamento. De facto, a orientação da generalidade dos edifícios descobertos coincide com o traçado de algumas ruas identificadas no quarteirão das Carvalheiras, bem como com os eixo de uma cloaca descoberta recentemente. A conjugação destes elementos revela que *Bracara Augusta* conheceu um traçado hipodâmico, que cobriu grande parte da sua área construída. Esse traçado persistiu na organização da parte sul da cidade medieval, que corresponde aos bairros residenciais do quadrante nordeste da cidade romana (OLIVEIRA *et alii* 1982, 13; MANTAS 1990, 86), tal como nalguns alinhamentos conservados em caminhos e muros divisórios das quintas e quintais que, posteriormente à Idade Média, viriam a ocupar os terrenos do sul da cidade romana.

Todavia, foi a escavação integral de um quarteirão, na zona das Carvalheiras, que sugeriu uma hipótese de trabalho relativamente ao traçado da cidade (MARTINS E DELGADO 1989/90a, 39, Fig.1), a qual terá que ser confirmada, designadamente no que respeita à sua adaptação, à topografia do terreno e às dimensões dos quarteirões, que pode ser variável.

A modulação sugerida pela *insula* das Carvalheiras é quadrada, medindo aproximadamente 150pés (44,33m — medida tomada entre os eixos das ruas), com uma área construída de 1 *actus*, ou seja 120 pés (35,48m).

A escavação deste sector permitiu observar a existência de pórticos, dando acesso a lojas, situadas no rés-do-chão das casas. A modulação

homogénea, de 10 pés entre colunas, estende-se à largura dos próprios pórticos e de algumas ruas detectadas.

A correlação dos numerosos alinhamentos já conhecidos com a área ocupada pela cidade permite considerar que o *decumanus maximus* passaria pela actual R. de S. Sebastião, orientada SO/NE, seguindo, um pouco a Norte, pela actual R. do Alcaide e Largo de Santiago.

A parte norte do *cardo maximus* poderá coincidir com a R. Jerónimo Pimentel, continuando em direcção ao Campo das Carvalheiras e Campo das Hortas, ou então, localizar-se-ia um pouco mais a leste, correspondendo, neste caso, ao eixo da grande cloaca que identificámos em 1992. Na parte sul da cidade, o único alinhamento que persiste, com uma orientação NO/SE, que poderia, por isso, representar este *cardo*, corresponde a parte do traçado da R. dos Bombeiros Voluntários, até ao cruzamento com a R. Damião de Góis.

A área onde se cruzam estes dois grandes eixos da cidade romana situa-se no actual Largo Paulo Orósio e capela de S. Sebastião, local referido como correspondendo ao *forum*, com base na sua localização na planta de Braunio. Desta zona procedem duas inscrições, uma delas honorífica, dedicada a Constantino Magno⁵.

O perímetro urbano de *Bracara Augusta* foi sempre definido com base na existência de uma muralha, referida em documentos medievais e descrita, no séc. XVIII, por Jerónimo Contador de Argote. Em 1910, José Teixeira elaborou a primeira proposta de um traçado para esta fortificação, de configuração oblonga.

Várias escavações, realizadas em diferentes sectores da cidade, permitem, em conjugação com a cartografia de antigos achados de sepulturas e de epígrafes funerárias, delimitar as quatro grandes necrópoles de *Bracara Augusta* (MARTINS E DELGADO 1989/90b, 41-188), cuja localização é coincidente com o traçado da muralha sugerido por José Teixeira.

Para além da dispersão das necrópoles conhecidas, também os resultados obtidos nas escavações realizadas na Quinta do Fajal, em 1982 e, posteriormente, entre 1993-94, que permitiram pôr a descoberto um pano de uma fortificação, datada entre meados e finais do séc. III, parecem confirmar aquele traçado.

No entanto, é possível que a malha ortogonal identificada nunca se tenha estendido até esses limites, sobretudo na parte sul. Esta suposição repousa no facto de existirem algumas construções, que não obedecem aos eixos dominantes, NO/SE, todas elas localizadas na periferia do perímetro sul da cidade, onde temos vindo a detectar vestígios de um sector urbano artesanal.

⁵ Inscrição encontrada em 1891, num desaterro realizado próximo do palacete dos Condes de S. Martinho, anexo ao Largo Paulo Orósio, em frente à Capela de S. Sebastião (BELINO 1896, 40).

Face a estes dados podemos admitir que o plano ortogonal de *Bracara Augusta* contemplou uma cidade mais restrita do que aquela que foi cercada no séc. III, o que nos sugere a existência de uma primitiva cerca, cujo traçado norte poderia coincidir com o da muralha tardia e que, na parte sul, corresponderia aos alinhamentos ainda conservados em taludes visíveis nos mapas antigos de Braga. A admitirmos esta hipótese parece legítimo supor que *Bracara Augusta* terá possuído uma primeira muralha de prestígio, que poderá datar da mesma época em que se projectou a cidade hipodâmica.

O conjunto das intervenções realizadas na área intra-muros atesta uma considerável continuidade de ocupação dos espaços habitacionais, que sofreram sucessivas remodelações até ao séc. V.

Com base nos dados disponíveis podemos destacar dois grandes momentos de construção e renovação urbanas. Um primeiro momento, bem representado em quase todos os edifícios, pode ser datado, provisoriamente, da segunda metade do séc. I, abrangendo uma área bastante extensa da cidade. Um segundo momento, igualmente evidente numa vasta área, teve lugar entre finais do séc. III/inícios do IV, podendo articular-se com a promoção de *Bracara Augusta* a capital da província da Galécia.

3.2. Arquitectura

Apesar do número significativo de escavações que foram realizadas no perímetro urbano de Braga são ainda reduzidos os conhecimentos sobre a arquitectura romana devido ao carácter de salvamento da generalidade das escavações, condicionadas ao estudo de áreas restritas e à própria pobreza das evidências que chegaram até nós.

O único edifício público conhecido até hoje, ainda não totalmente escavado, está representado pelas termas do Alto da Cividade. No que se refere à arquitectura doméstica conhecemos a planta integral de uma única casa, que ocupa a totalidade de um quarteirão posto a descoberto na zona das Carvalheiras.

3.2.1. As termas do Alto da Cividade

O edifício das termas públicas do Alto da Cividade foi identificado entre 1976-1977 na sequência de um salvamento num terreno destinado a ser urbanizado. Em 1980 foi objecto de uma extensa escavação durante a qual foi posta a descoberto grande parte da área termal hoje visível (DELGADO *et alii* 1986, 27-42). Posteriormente, o edifício viria a merecer pequenas intervenções que não lograram ainda esclarecer, em definitivo, nem os seus limites sul e oeste, nem o circuito de banhos das suas diferentes fases de funcionamento (Est. III).

Diversos condicionalismos dificultam a interpretação deste edifício: as sucessivas remodelações a que esteve sujeito, o saque dos muros, apenas conservados ao nível dos alicerces e as grandes perturbações que sofreu quando foram instaladas as infra-estruturas para a urbanização do sítio, nos inícios dos anos 70. Vários elementos sugerem que as termas terão sido instaladas sobre um edifício anterior, que poderá datar da primeira metade do século I. Esse edifício, limitado a este por um sólido paredão, que encosta à alterite granítica, possui uma configuração rectangular e utiliza, na sua parte central, vários pilares, que definem três naves.

O primeiro projecto das termas ocupa boa parte da estrutura do edifício anterior, contemplando duas áreas de banhos independentes, que colocam alguns problemas de circulação e que exigiriam duas entradas independentes.

Este conjunto sofreu uma profunda remodelação entre finais do séc. III/ inícios do séc. IV, que transformou a anterior zona quente em área fria, tendo os hipocaustos sido deslocados para oeste. Nesta fase terá sido inutilizado o sector sul do balneário, eventualmente transformado numa área de serviços.

Tudo indica que o edifício terá perdido a sua função termal, nos finais do séc. IV/inícios do séc. V, tendo os seus espaços sido reaproveitados com outro fim, como sugerem os muros tardios, com uma orientação destoante dos alinhamentos anteriores (Est. III).

3.2.2. O quarteirão das Carvalheiras

O conjunto arquitectónico das Carvalheiras começou a ser escavado em 1982, no âmbito de um salvamento (DELGADO E LEMOS 1985, 159-176; 1986, 151-167). As características das ruínas justificaram a preservação do terreno e a sua posterior escavação em área. Foi assim possível pôr a descoberto a totalidade de um quarteirão residencial, limitado por ruas, integralmente ocupado por uma única habitação, que se desenvolve em dois planos, acompanhando o desnível do terreno. Para além desta habitação são perceptíveis, nos limites da área escavada, muros de construções adjacentes (Est. IV). Embora as escavações não tenham ainda sido concluídas e subsistam dúvidas, relativamente às remodelações do sector este, é possível, desde já, fornecer uma ideia das suas principais fases.

A construção original, de excelente qualidade, é constituída por uma casa de átrio e peristilo, com várias lojas que abrem às ruas, a sul e oeste, sendo de presumir que teria várias entradas. Para já é possível considerar uma a sul, outra a oeste e outra a norte. A Sul e Este a casa era rodeada de pórticos.

Na primeira metade do séc. II o quadrante noroeste foi remodelado para instalação de um balneário, tendo sido sacrificadas algumas lojas, bem como parte da área envolvente do peristilo.

Entre finais do séc. III/inícios do IV foram introduzidas alterações neste conjunto, algumas das quais ainda não completamente esclarecidas. Os pórticos foram fechados com muretes, o mesmo acontecendo no peristilo, cujos espaços envolventes foram compartimentados. A fachada oeste foi alterada em sacrifício da rua, que passou a ser mais estreita.

São ainda perceptíveis outras pequenas remodelações, mais tardias, provavelmente no séc. V, ainda não completamente esclarecidas.

4. O FUTURO DE UM PROJECTO

Os estudos de síntese recentemente publicados, dos quais demos aqui um breve resumo, mostram o grande progresso realizado neste longo caminho de aproximação ao que foi a realidade da cidade romana de *Bracara Augusta*. E dizemos grande progresso porque o trabalho realizado permitiu obter dados que podemos considerar hoje como adquiridos, formular hipóteses mais consistentes, consciencializar e seriar dúvidas. Quer dizer, estamos hoje melhor apetrechados para programar com mais segurança e eficácia uma nova etapa de investigação.

No momento de programar esta nova etapa e depois de uma análise crítica dos dados adquiridos, das hipóteses e das dúvidas persistentes, torna-se claro que a improfícua busca de uma cidade augústea, com o seu centro monumental, plano urbanístico e limites, apenas nos permitiu formular e reformular hipóteses, sem nunca nos ter fornecido a evidência da sua localização (MARTINS E DELGADO 1989/90a, 17-20; MARTINS *et alii* 1994). Assim sendo, tornou-se claro que em vez de persistirmos numa dicotomia cidade de Augusto/cidade flávia, aceite até este momento, se impunha libertar, provisoriamente, a investigação deste figurino premonitório e privilegiar os dados já adquiridos como ponto de partida fulcral para o desenvolvimento da investigação futura. Nesta ordem de ideias privilegiamos o único traçado ortogonal sugerido pelas evidências já referidas e a respectiva modulação, estabelecida com base no quarteirão das Carvalheiras e confirmada por outros achados.

De facto, a confirmação deste traçado e a determinação da sua cronologia augústea, julio-cláudia, ou flávia, coloca-nos de imediato num novo patamar de investigação, exigindo que se date com precisão todas as ruas até agora postas a descoberto pelas escavações.

Como é fácil de entender o estabelecimento desta cronologia terá implicações directas na resolução do problema do centro, ou centros monumentais de *Bracara Augusta*.

Impõe-se-nos pois, como segunda prioridade, procurar as evidências de um *forum* romano, tradicionalmente localizado no Largo Paulo Orósio e sugerido pela centralidade desta zona em relação aos eixos fundamentais da cidade e à

área ocupada. Dados os profundos desaterros a que foi sujeita a zona referida, resta-nos apenas a possibilidade de sondar a área da igreja de S. Sebastião e os terrenos livres do Solar dos Condes de S. Martinho.

O avanço dos conhecimentos relativamente à estrutura urbana de *Bracara Augusta* implica ainda, para além da determinação da sua cronologia e área monumental, a definição dos seus limites rigorosos. Na impossibilidade de proceder a sondagens sistemáticas com esse objectivo, impõe-se partir da hipótese, já formulada, da existência de uma primitiva cerca, de perímetro mais restricto, do que o sugerido pela fortificação do séc. III, identificada na Quinta do Fujacal, valorizando-se, deste modo, os desalinhamentos existentes em edifícios detectados na zona sul da cidade, em relação à malha ortogonal conhecida. Neste sentido, será necessário realizar sondagens nos locais coincidentes com um profundo desnível, por onde hipoteticamente poderia passar essa muralha.

Para além dos problemas expostos, relacionados com o traçado e evolução da estrutura urbana da cidade romana, consideramos ainda prioritário desenvolver a investigação relativamente aos problemas não resolvidos pelos estudos já realizados nas necrópoles.

De facto, a natureza fortuita de muitos dos achados funerários, a circunstância das escavações terem assumido, quase sempre, um carácter de emergência, a pobreza e escassez do espólio encontrado, não permitiram uma análise cronológica fina e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma cronologia relativa, melhor fundamentada. Assim, necessitam de esclarecimento ou confirmação:

1. as cronologias propostas para as mudanças de rituais de enterramento;
2. a aparente relação entre a distribuição dos enterramentos e o estatuto social da respectiva população.

Para tal torna-se necessário proceder a novas intervenções nas necrópoles da via XVII, Rodovia, Campo da Vinha, onde existem ainda áreas livres de construção. Não sendo possível, como seria desejável, enveredarmos por um programa de intervenções sistemáticas nestas zonas, optaremos, assim, por intervenções de salvamento, cuja programação, estabelecida em coordenação com o Gabinete de Arqueologia da Câmara, poderá ser tanto mais facilitada quanto, as zonas de necrópoles estão acauteladas no novo plano director municipal.

São já conhecidos em Braga vários poços romanos, a maioria dos quais postos a descoberto no decurso de intervenções de salvamento, ou de escavações programadas. Conhecida é também uma importante conduta de água, encontrada na zona protegida do Alto da Cividade onde se situam as termas

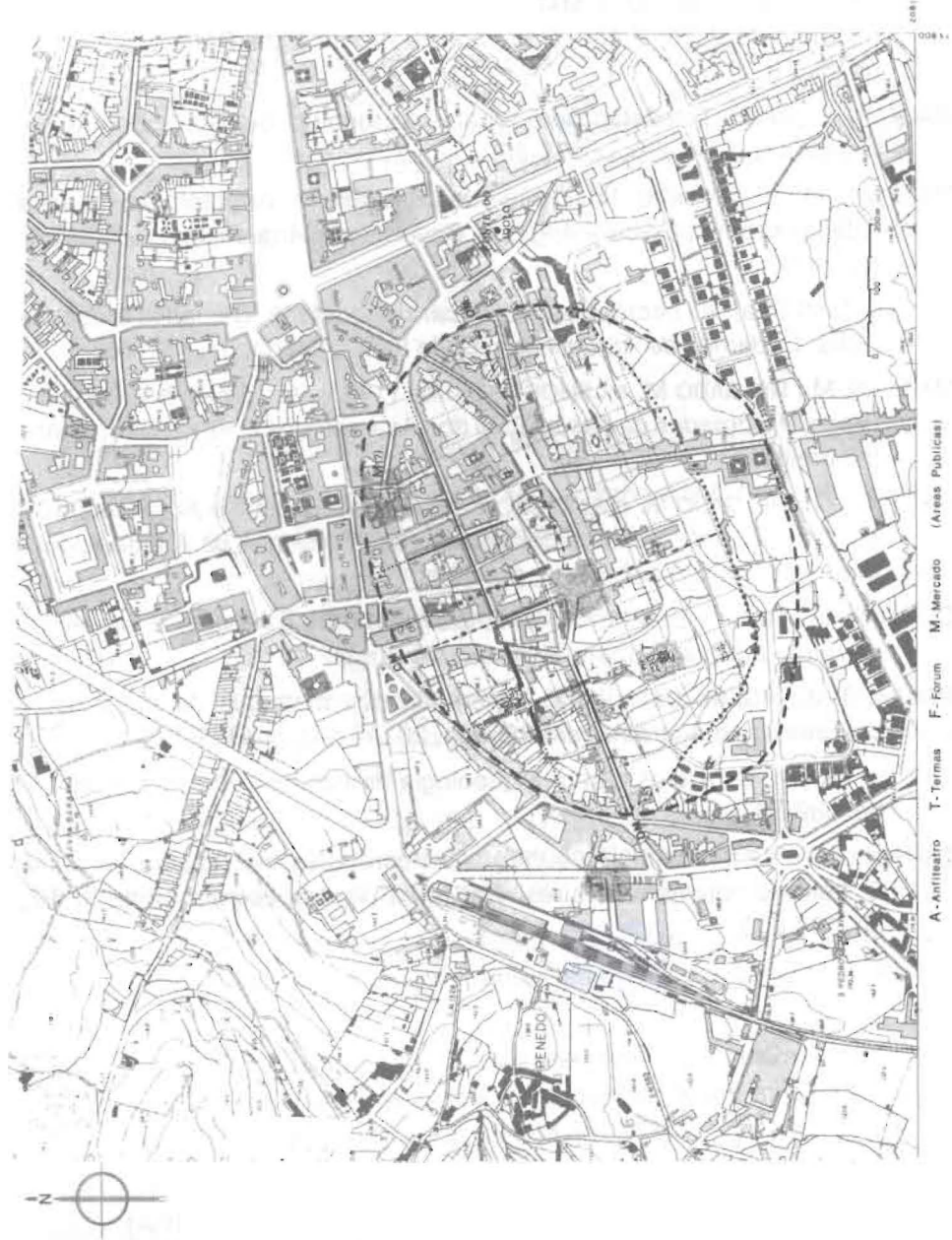
romanas. No entanto, persistem várias dúvidas relativamente ao sistema de abastecimento de água à cidade, o mesmo acontecendo com a rede de saneamento, nunca considerados prioritários, por força das múltiplas contingências que acompanham as intervenções em áreas urbanas.

A descoberta recente, nos terrenos anexos ao antigo Albergue Distrital, de uma cloaca, com orientação NO/SE, com várias derivações (MARTINS *et alii* 1994, 306, nota 12), leva-nos a decidir que é chegado o momento para proceder a um estudo sistemático da rede de abastecimento e saneamento, cuja fase inicial consistirá numa cuidada pesquisa documental nos arquivos que os serviços de Águas e Saneamento da Câmara se prontifica a pôr à nossa disposição.

BIBLIOGRAFIA

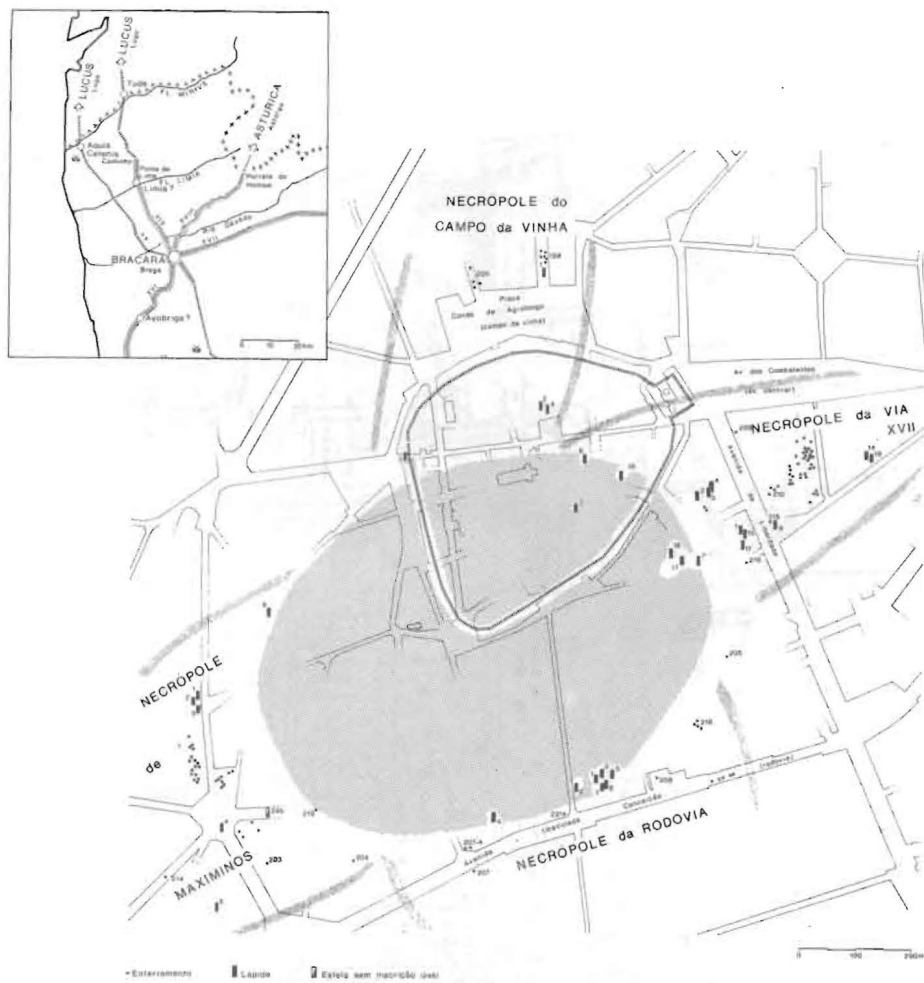
- BELINO, A. (1896). *Novas inscrições romanas de Braga*, Braga.
- DELGADO, M. (1987). Notícia preliminar sobre o salvamento no quarteirão da Rua Gualdim Pais, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, Braga, pp. 187-199.
- DELGADO, M.; L. A. TAVARES DIAS; F. SANDE LEMOS e A. GASPAR (1984), Intervenções na área urbana de Bracara Augusta (1983), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, pp. 95-106.
- DELGADO, M. e F. SANDE LEMOS (1985). Zona das Carvalheiras. Notícia das campanhas de escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, pp. 159-176.
- DELGADO, M. e A. GASPAR (1986). Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 3, pp. 151-167.
- DELGADO, M. e F. LEMOS SANDE (1986). Zona das Carvalheiras: notícia da campanha de escavação de 1985, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 3, pp. 151-167.
- DELGADO, M.; GASPAR A. e LEMOS F. SANDE (1986). O Salvamento de Bracara Augusta, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, Lisboa, pp. 27-42.
- DELGADO, M. e MARTINS M. (1988) Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, pp. 79-93.

- GASPAR, A. (1985). Escavações arqueológicas na R. de N^a Sra. do Leite, em Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, pp. 51-125.
- LEMOS, F. S. ; DELGADO M. e MARTINS M. (1988). Sondagens arqueológicas no Largo do Paço, Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, Lisboa, pp. 69-78.
- MANTAS, V. (1990). Teledetecção e urbanismo romano: o caso de Beja, *Geociências*, 5, 1, Aveiro, pp. 75-88.
- MARTINS, M. e DELGADO M. (1989-90a). História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, Braga, pp. 11-38.
- (1989-90b). As necrópoles de *Bracara Augusta*. A. Os dados arqueológicos. *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6/7, Braga, pp. 41-186.
- MARTINS, M.; DELGADO M. e LEMOS F. SANDE (1993). Arqueologia Urbana em Braga, *III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa (no prelo).
- MARTINS, M.; DELGADO M. e ALARCÃO J. (1994). Urbanismo e Arquitectura de *Bracara Augusta*: balanço dos resultados, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXIV, 1-2, Porto, pp. 303-319.
- OLIVEIRA, E., MOURA E. MOURA, e MESQUITA J. (1982). *Braga. Evolução da estrutura urbana*, Câmara Municipal de Braga.
- SOUSA, J. J. RIGAUD DE (1966a). Inventário dos materiais da Arqueologia bracarense, *Bracara Augusta*, Braga, 20 (43-44), pp. 165-178.
- (1966b). Subsídios para a arqueologia bracarense, *Lucerna*, Porto, 5, pp. 589-59.
- TRANOY, A. e LE ROUX P. (1989/90). As necrópoles de *Bracara Augusta*. B. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6/7, pp. 187-230.



Mapa de Braga c/ localização do perímetro da cidade romana e malha ortogonal

EST. II

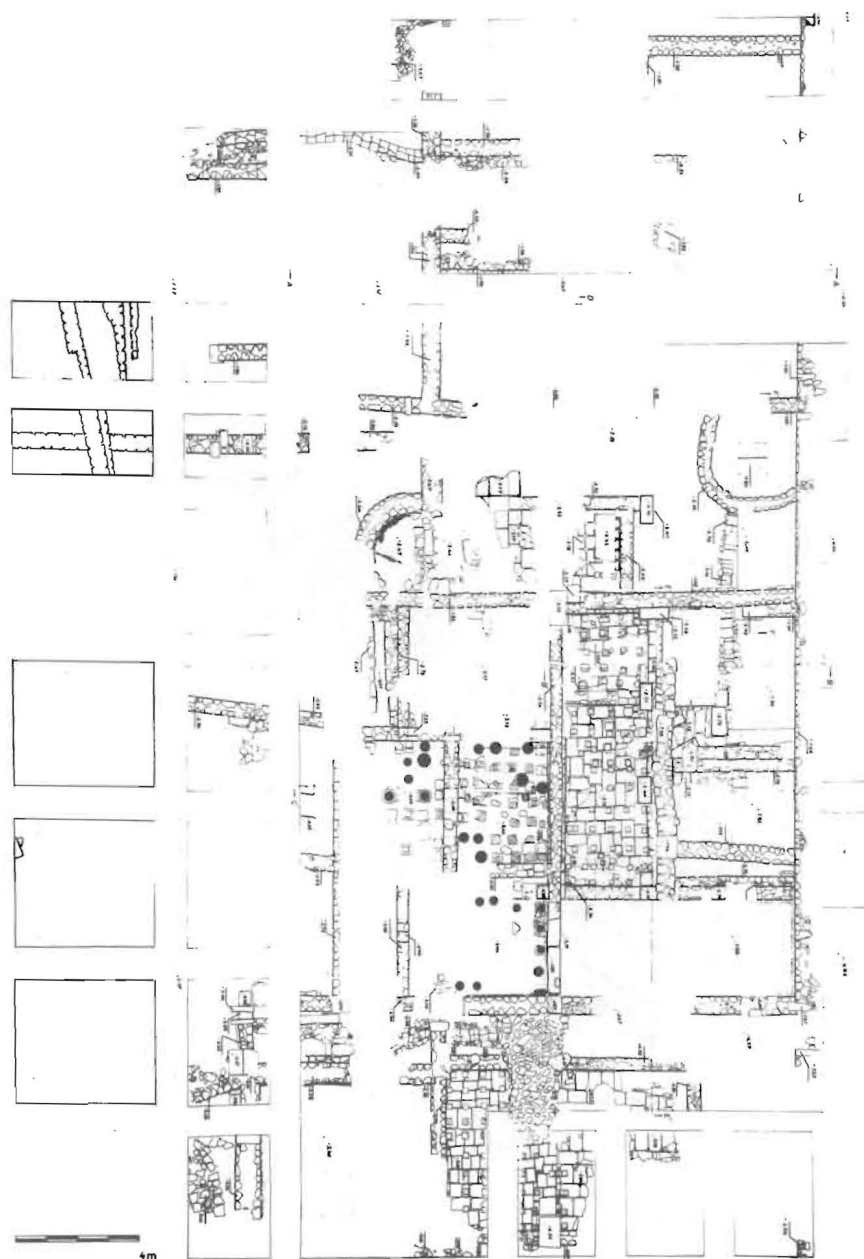


Perímetro urbano de Bracara Augusta e localização das necrópoles

EST III



196.84



Planta do edifício termal das termas do Alto da Cividade

EST. IV



Planta da zona das Carvalheiras